



IMAGENS DE UM TEMPO LENTO: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO URBANO

EM BELÉM (BRASIL) E SANTIAGO (CHILE)

SLOW TIME IMAGES: REFLECTIONS ON URBAN DAILY LIFE IN BELÉM

(BRAZIL) AND SANTIAGO (CHILE)

IMÁGENES DE UN TIEMPO LENTO: REFLEXIONES SOBRE EL COTIDIANO

URBANO EN BELÉM (BRASIL) Y SANTIAGO (CHILE)

Eder Malta²⁷

Resumo

Este artigo apresenta itinerários de pesquisas que resultaram na criação de um banco de imagens do cotidiano urbano. Nosso objetivo é analisar as sociabilidades em tempo lento, presentes na cotidianidade acelerada das metrópoles. Nos procedimentos de pesquisa em sociologia urbana consideramos o uso de imagens um dos recursos centrais para se capturar a dinâmica dos usos cotidianos dos espaços e das expressões da cultura urbana. Dessa forma, o recorte metodológico segue a abordagem qualitativa com recurso da pesquisa iconográfica que resultou na criação de um banco de imagens fotográficas do cotidiano urbano nas áreas centrais revitalizadas das cidades de Belém (Brasil) e Santiago (Chile). O artigo divide-se em 3 partes, onde se discute na primeira parte sobre o reconhecimento da dimensão visual pelas ciências sociais a partir da incorporação de novos temas, estratégias e objetos de pesquisa em torno da problematização das mudanças culturais da sociedade contemporânea; e nas duas últimas, apresentamos nosso incursão nas cidades de Belém e Santiago e os registros de suas paisagens, práticas e sociabilidades cotidianas. Em torno de construir um olhar sociológico da imagem, argumentamos que o significado da imagem se revela para além do foco das lentes: os enigmas do cotidiano e da cultura urbana contemporânea.

Palavras-chave: Cotidiano. Imagem urbana. Sociabilidade. Espaço. Tempo.

²⁷ Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Sociologia pelo PPGS/UFS. Pós-doutorado (PNPD/CAPES) pelo PPGS/UFPel (RS). Pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais (LABEURC/UFS).



Abstract

This article presents research itineraries that resulted in the creation of an image bank of urban daily life. Our objective is to analyze the sociabilities in slow time, present in the accelerated daily life of the metropolises. In research procedures in urban sociology, we consider using images as one of the central resources to capture the dynamics of everyday uses of spaces and expressions of urban culture. Thus, the methodological outline follows the qualitative approach using iconographic research that resulted in building a bank of photographic images of urban daily life in the revitalized central areas of Belém (Brazil) and Santiago (Chile). The article has three parts, where the first part discusses the recognition of the visual dimension by the social sciences from the incorporation of new themes, strategies, and research objects around the questioning of cultural changes in contemporary society. In the last two, we present our journey in the cities of Belém and Santiago and the records of their landscapes, practices, and everyday sociability. Around building a sociological view of the image, we argue that the meaning of the image reveals itself beyond the focus lenses: the enigmas of everyday life and contemporary urban culture.

Keywords: Daily life. Urban image. Sociability. Space. Time.

Resumen

Este artículo presenta itinerarios de investigación que dieron como resultado la creación de un banco de imágenes de la vida cotidiana urbana. Nuestro objetivo es analizar las sociabilidades en tiempo lento, presentes en la acelerada cotidianidad de las metrópolis. En los procedimientos de investigación en sociología urbana, consideramos el uso de imágenes como uno de los recursos centrales para captar las dinámicas de los usos cotidianos de los espacios y las expresiones de la cultura urbana. Así, el esquema metodológico sigue el enfoque cualitativo a través de la investigación iconográfica que ha resultado la creación de un banco de imágenes fotográficas de la vida cotidiana urbana en las áreas centrales revitalizadas de las ciudades de Belém (Brasil) y Santiago (Chile). El artículo consta de tres partes, donde en la primera se discute el reconocimiento de la dimensión visual por parte de las ciencias sociales a partir de la incorporación de nuevos temas, estrategias y objetos de investigación en torno al cuestionamiento de los cambios culturales en la sociedad contemporánea; y en los dos últimos, presentamos nuestro recorrido por las ciudades de Belém y Santiago y los registros de sus paisajes, prácticas y sociabilidad cotidiana. En torno a la construcción de una visión sociológica de la imagen, argumentamos que el significado de la imagen se revela más allá del foco de la lente: los enigmas de la vida cotidiana y la cultura urbana contemporánea.

Palabras clave: Vida cotidiana. Imagen urbana. Sociabilidad. Espacio. Tiempo.



Introdução

No cotidiano das cidades, os lugares se mostram e se escondem, assim como as práticas sociais se revelam e se ocultam no emaranhado das diferentes espacialidades e temporalidades da vida urbana. Seguindo essa noção de descobrir o que se encobre de diferentes significados, este artigo apresenta percursos de pesquisas não intencionais, mas que fazem parte da nossa experiência como pesquisador vinculado aos estudos urbanos. Nosso objetivo é analisar as sociabilidades em tempo lento, presentes na cotidianidade das aceleradas metrópoles, considerando-se como referente analítico as áreas centrais revitalizadas das cidades de Belém do Pará e Santiago do Chile, sem a intenção de generalizar a abordagem em torno da metrópole do planejamento urbano convencional.

Nos procedimentos de pesquisa em sociologia urbana, consideramos o uso de imagens como um dos recursos centrais para capturar a dinâmica dos usos cotidianos dos espaços e das expressões da cultura urbana. Para tanto, o recorte metodológico segue a abordagem qualitativa com o recurso da pesquisa iconográfica, que resultou na criação de um banco de imagens do cotidiano durante viagens para participação em congressos acadêmicos. A difícil escolha das cidades e das imagens foi o maior desafio dessa proposta. Havia em tela cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Salvador, Ouro Preto, Recife, São Paulo e Belém, e cidades internacionais, como Lisboa, Coimbra, Porto, Barcelona, Montevideú e Santiago. Mas a escolha ficou entre duas cidades, Belém e Santiago, e um total de 20 imagens que se deu a partir de uma constatação iconográfica: os fragmentos do cotidiano e a revelação de suas espacialidades e temporalidades.



Queremos afirmar com isso que a imagem não é estática. Por exemplo, a lentidão do momento pode dar lugar à aceleração, resultando na complexidade sociológica do que se pretende representar e argumentar. Ela é o ponto de partida dos questionamentos e de chegada das reflexões sobre o objeto de pesquisa. A nosso ver, no uso da fotografia para representar aspectos da vida urbana, consideram-se todos os elementos que perturbam as possibilidades de reificação do cotidiano, das práticas e sociabilidades presentes nos espaços públicos, pois ela evidencia processos interativos e subjetivos subjacentes à imagem urbana. Apesar disso, importa-nos apresentar as imagens como resultado do jogo dos passos realizados nos nossos itinerários, seja como pesquisador, como turista ou simplesmente como caminhante pela cidade.

Assim sendo, este itinerário sociológico divide-se em 3 partes. A primeira tem como proposta apresentar o debate sobre os estudos urbanos e o uso de imagens a partir da produção de autores como Feldman-Bianco (1998), Leite (2008), Martins (2008) e Barros (2022). Já os estudos mais técnicos sobre imagem estão concentrados nos trabalhos de Loizos (2002) e De Paula e Marques (2010). No geral, tais autores apresentam a ideia de que a fotografia não é somente um documento formal no texto ou uma mera ilustração, pois ela contém uma subjetividade estética, sendo, portanto, objeto de representação.

Na segunda e na terceira partes, apresento o itinerário percorrido nas cidades de Belém-PA e Santiago do Chile, que, apesar de suas diferenças urbano-culturais, são aqui retratadas a partir de algo em comum: a representação do *tempo lento*. Nossas observações ocorreram em espaços urbanos históricos como o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de Belém e a Área Central de Santiago, em que se buscou apreender características dos usos desses espaços como as sociabilidades, os lugares e as práticas sociais. Estes itinerários são percorridos principalmente em diálogo com os trabalhos de Certeau (1994), Arantes (2000), Pais (2007), Rosa (2019) e Lefebvre (2021), que fornecem o aporte teórico e metodológico para a



construção da narrativa visual proposta que põe em contraste os ritmos veloz e lento das cidades, percebidas no *ato de caminhar*.

1. A pesquisa em sociologia urbana e o uso de imagens

A fotografia como recurso de pesquisa nasceu no ambiente positivista do século XIX na busca por meios que permitissem a reprodução mecânica da realidade visual ainda sob a concepção de imobilização de um momento no tempo em que se retrata objetos, pessoas e lugares (DE PAULA; MARQUES, 2010). Segundo Bela Feldman-Bianco (1998, p.11), no início dos anos de 1980 “o interesse crescente pela linguagem visual é uma resposta à falência de paradigmas positivistas e à importância da mídia na vida cotidiana”. Tal mudança ocorre nos modelos metodológicos e debates científicos devido ao reconhecimento da dimensão visual – uso de imagens, fotografias, cinema e vídeo – pelas ciências sociais a partir da incorporação de novos temas, estratégias e objetos de pesquisa em torno da problematização das mudanças culturais da sociedade contemporânea.

É nesse contexto que autores como William Mitchell (1994) defendem que as imagens transformaram as nossas identidades e visões de mundo, tendo um papel cada vez mais importante na construção das representações de nossa realidade social. O autor chama de “virada pictórica” (*Pictorial Turn*) para questionar a ênfase dada à virada linguística, defendida pelas interpretações estruturalistas e pós-estruturalistas. Para Mitchell, a cultura visual se sobrepõe às metáforas textuais, porque a linguagem filosófica, poética e científica, por si só, não consegue dar conta dos processos imagéticos da contemporaneidade. Por isso, embora as técnicas



predominantes na pesquisa de campo – a oralidade, as entrevistas e os questionários – continuam muito importantes, elas encontram muitos limites no alcance interpretativo das sociedades.

Os avanços das novas tecnologias de comunicação e informação do século XXI produziram um repertório de imagens vistas e compartilhadas pela internet, através das mídias digitais, de modo que podemos afirmar que as dimensões materiais e imateriais da sociedade contemporânea são compreendidas através da visualidade. Assim, a produção de imagens torna-se um método ou técnica adotada na pesquisa de campo, pois flexibiliza os propósitos da coleta de dados, seja para uso documental de registro de informações e situações de campo, seja como material comprobatório do pesquisador em campo, ou elas mesmas captadas no processo de pesquisa como objeto de reflexão e análise (BARBOSA; CUNHA, 2006). E neste último caso, a imagem não é um dado empírico objetivo, mas sim o ponto de partida dos questionamentos e das reflexões sobre o objeto de pesquisa.

Com relação aos aspectos epistemológicos, José de Souza Martins (2008) explica que a fotografia, assim como outros recursos visuais como o vídeo ou o filme, é uma forma de documentação, e sua formalidade é um instrumento capaz de preencher os dados de pesquisas a partir de fatos retratáveis temporalmente situados em estruturas e processos sócio-históricos. No entanto, o autor defende a subjetividade estética da fotografia como objeto de representação e não apenas sua função documental como suporte metodológico de investigação científica, visto que é considerada um recurso complementar da objetividade da pesquisa para transformá-las em documentos.

É preciso registrar aquilo que perturba a formalidade da fotografia e buscar nos resíduos da imagem e do imaginário as áreas e componentes relevantes da fotografia. Conforme Martins (2008, p.156), justamente nesses resíduos, “no que é desprezado, no que perturba porque discrepa da exatidão analisável, pode estar o segredo da imagem, aquilo que representa justamente a sua relevância sociológica”,



contribuindo para preencher as insuficiências dos métodos mais tradicionais de pesquisa, como as entrevistas, depoimentos e questionários. Portanto, é preciso ter sensibilidade para “retratar” o objeto e não tomar as imagens produzidas durante uma pesquisa como um quadro congelado e resolvido para um discurso generalizante.

Com o uso da imagem como documento histórico ou recurso de observação, o sociólogo deve tentar estabelecer uma conexão que vá além do registro de algo que possa ser expresso através do texto. Nos estudos urbanos, a reflexão socioantropológica tem no uso de imagens um suporte que pode contribuir para superar as limitações dos métodos de pesquisa e desvendar a polissemia de sentidos da própria fotografia. Nesse caso, é necessário questionar os modelos e classificações teóricas sobre a linguagem visual como realidade objetiva ou mera ilustração (FELDMAN-BIANCO, 1998; LOIZOS, 2002; MARTINS, 2008) para retratar os aspectos fragmentários do imaginário social das cidades, das paisagens culturais e dos espaços públicos.

Na sociologia e antropologia urbanas, reconhece-se que “a cultura urbana contemporânea é uma realidade sobrecarregada de recursos e apelos visuais” (LEITE, 2008, p. 171). Além disso, há uma forte interlocução entre essas disciplinas e outras subáreas, tais como antropologia visual, antropologia audiovisual e sociologia da imagem, que se concentram em estudos iconográficos das cidades. Para Leite (2008), o estudo da imagem urbana das cidades tem duplo valor heurístico para a pesquisa:

como *produto*, que resulta da dimensão propriamente visual das identidades culturais e da estética das cidades; e como *processo*, na medida em que a imagem se torna parte constitutiva das narrativas que delineiam as representações sobre cidades e amparam metodologicamente as análises sociológicas e antropológicas sobre a vida e a cultura urbanas (LEITE, 2008, p. 172).



A argumentação do autor é que, diferentemente das cidades antigas que possuem maior harmonia arquitetônica e patrimonial, as cidades contemporâneas possuem estéticas visuais mais dissonantes, saturadas e maleáveis ao ponto de ajustarem suas imagens tradicionais às demandas da cultura de consumo global, tornando, por exemplo, a arquitetura, a moda e os estilos de vida antigos em algo completamente inovador ou reestilizado.

No que diz respeito aos procedimentos técnicos, o uso de imagens (vídeos e fotografias) em pesquisas urbanas pode contribuir para um estudo comparativo, ao contrário das técnicas tradicionais de pesquisa. Sobre os aspectos técnicos do uso de imagens, Loizos (2002) argumenta que o levantamento iconográfico não deve ser sinônimo de ilustração para formar um banco de imagens apenas para tornar visível uma realidade dada. Para ele, a fotografia pode ser um elemento inestimável para a apresentação de mudanças sócio-históricas, desde que sejam controladas questões de tempo, lugar e circunstâncias. A fotografia é uma poderosa evidência de mudanças históricas, com elevado valor persuasivo, e pode contribuir sobremaneira para a obtenção de informações culturais relativas ao tempo e ao espaço, principalmente em um contexto de globalização da cultura e das imagens culturais, que ressaltam fatores de desterritorialização das localidades e do modo de vida nas cidades.

Contudo, o uso da fotografia na Sociologia constitui mais do que um recurso de técnica de pesquisa nas Ciências Sociais. Os indícios que se revelam na capacidade do sociólogo de ver uma fotografia e interpretar o que ela contém tornam-se requisitos para que a fotografia entre no circuito dos processos interativos e até subjetivos que revelam o que não parece tão-somente estar lá, o que parece real, o que expressa e evidencia a sua “validade documental” equivalente aos instrumentos de investigação tradicionais voltados à oralidade, à memória e às escrituras como questionários, entrevistas, diário de campo, etc.



Como defende Barros (2022), a fotografia é uma ferramenta de descobrimento e apreensão pictórica. Ela se tornou um instrumento de pesquisa para o conhecimento empírico e para uma forma de pensar por imagens. Com base em Didi-Huberman, a autora argumenta que as imagens compõem “alternativa à compreensão da sociedade quando observadas não enquanto respostas, mas compreendidas enquanto problemáticas quando colocadas em relação” (BARROS, 2022, p. 16), por exemplo, aos usos socioespaciais representados nas imagens presentes nos lugares. Em seus estudos sobre o processo criativo do graffiti realizado por mulheres, Barros identifica nas representações imagéticas as formas e os conteúdos estéticos e comunicacionais destes elementos visuais inseridos em um espaço de lutas e resistências, como narrativas possíveis de serem “vistas” como linguagem e como dispositivo de pensamento.

Para que o sociólogo possa registrar diferentes processos que expressem as interações urbanas, é preciso considerar que a visualidade do processo é inevitável. No entanto, a “fotografia congelada” pode incorrer em análises que encerrem a polissemia de sentidos. Como afirma Martins (2008), a fotografia não congela a realidade, ela capta os processos que a conformam. Ao desvendar o próprio déficit de informação “se a fotografia nada acrescenta à precisão da observação sociológica, muito acrescenta à indagação sociológica na medida em que a câmera e a lente permitem ver o que por outros meios não pode ser visto” (MARTINS, 2008, p.36).

No caso do uso de entrevistas, este processo torna-se complexo quando as pesquisas não apreendem, conduzem e transmitem as categorias nativas para explicar como os membros usam termos em específicas situações de interação e como entendem e avaliam-nas de modos diferentes (EMERSON, FRETZ e SHAW, 1995). O uso de imagens passa pela mesma dificuldade quando as pesquisas não apresentam explicações entre o que está fotografado e sua articulação com o complexo teórico de modo a questioná-las, limitando-se às próprias inclinações para explicar quando e porque os eventos ocorreram. A diferença reside na análise sociológica que “não



ocorre com o fotógrafo documentarista, que faz da fotografia acontecimentos, objetos constituídos na fugacidade do cotidiano e das dimensões dos processos sociais” (MARTINS, 2008, p.60).

Martins chama atenção para estes casos, no entanto, sua perspectiva enquadrada no paradigma fenomenológico da sociologia busca a *universalidade de processos subjetivos* que se revelam nas interações sociais. A fotografia é “fotograficamente estética”, vai além dos procedimentos técnicos e do recorte documental da pesquisa para que se lance crítica à fragmentação e ao cotidiano a partir de valores universais do próprio cotidiano. A fotografia é antes uma *representação social* e contempla a “memória do fragmentário” como ideias sociologicamente mais densas. Ele entende que “a preocupação propriamente estética do fotógrafo é que liberta a fotografia, sociologicamente analisável, da pobreza do raciocínio linear que a vê como equivalente de outros instrumentos de investigação sociológica e, portanto, como mero enriquecimento quantitativo dos métodos disponíveis” (MARTINS, 2008, p. 59).

Esta percepção torna-se o ponto de partida para pesquisas sociológicas que utilizam imagens. Através da observação direta, o uso das imagens estabelece não apenas o que é sociologicamente próprio da paisagem urbana e de cada cultura visual, mas também nos proporciona uma compreensão do que é dessemelhante e polissêmico. Em primeiro lugar, capturar os sentidos atribuídos em processos coletivos ou individuais é uma tarefa que requer do pesquisador técnicas de observação diversas e não assegura sua validade absoluta, visto que as interações sociais não são “capturáveis” em imagens ou falas de modo objetivo. Mas a própria “visualidade” da arquitetura e da cultura urbana permite tanto a análise quanto a descrição do campo de pesquisa em sociologia urbana.

Um segundo aspecto a ser considerado é a necessidade de posicionar-se não somente para ver, mas também para ouvir, registrar e observar a partir de referências teóricas o que é enunciado no espaço urbano. Se bem apropriadas, essas



referências permitirão ao sociólogo interpretar a polissemia de informações que põem em contradição e até desfocam o motivo principal da imagem. Isso não ocorre por uma mera descoberta do local de pesquisa ou por uma justaposição das situações e cenários que levam ao pesquisador observar e relatar os fenômenos, mas sim pela construção de sentidos que compreendam os aspectos que são relevantes ou que estejam ocultos nesses cenários.

Nesse sentido, utilizamos a observação direta para “retratar” o espaço público em nossas pesquisas. Essa abordagem possibilita uma orientação empírico-indutiva do trabalho de campo e maior flexibilidade nas regras de delineamento qualitativo e hipóteses, conforme destacam Deslauriers e Kérisit (2008, p. 149) que afirmam que “o objeto de pesquisa se elabora à medida que a coleta dos dados e a análise se realizam”. Para tanto, realizamos a *análise descentrada do lugar* por meio do *incurso em movimento*, tendo em vista os constantes fluxos e mutações dos lugares, que são consequentes das práticas dos atores sociais que produzem “localidades geradoras de contextos”. Appadurai (2004, p. 254) destaca que “o movimento humano, no mundo contemporâneo, é mais vezes definidor da vida social do que é excepcional”. Assim, nos movimentamos em *ritmanálise* (LEFEBVRE, 2021), principalmente pelo ato de caminhar pelos espaços públicos como uma experiência de decodificação da cidade, para apreensão dos *movimentos táticos* (CERTEAU, 1994) dos indivíduos por entre as paisagens e para a observação das *territorialidades flexíveis* (ARANTES, 2000) que remetem às práticas e sociabilidades cotidianas na constituição dos lugares.

Dessa forma, nos movimentamos muitas vezes sem a intenção de realizar uma pesquisa, mas para uma sociologia das cidades, o ato de caminhar já se insere em um saber-fazer que nos ajuda a capturar os detalhes comuns ou discrepantes do cotidiano urbano. Algumas das imagens a seguir não fizeram parte de um itinerário de pesquisa oficial, mas de um percurso atento à urbanidade e às práticas interativas que se desenrolam no espaço público. A primeira apresentação de imagens se refere



à cidade de Belém-PA quando participamos da 27^a Reunião Brasileira de Antropologia em 2010. A segunda apresentação de imagens é da cidade de Santiago do Chile, quando participamos do XXIX Congresso Latino-Americano de Sociologia (ALAS), em 2013.

Imagens urbanas e cotidiano em Belém-PA

Durante nossa passagem na cidade de Belém-PA, quando participamos da 27^a Reunião Brasileira de Antropologia em 2010, aproveitamos o tempo livre para fazer turismo e visitar o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico que envolve o Mercado Ver o Peso tombado pelo Iphan em 1977, parte importante do patrimônio material da cidade. O conjunto tombado, situado na Avenida Portugal, inclui o Boulevard Castilhos França, o Mercado de Carne e o Mercado de Peixe, o casario, as praças do Relógio e Dom Pedro II, a doca de embarcações, a Feira do Açaí e a Ladeira do Castelo (IPHAN, 2009).

Na ocasião, foi feito um ensaio fotográfico informalmente, sem o contato verbal com o objeto, apenas pela imagem e a representação do momento, o que em certo sentido pode empobrecer as possibilidades de colher informações orais, impressões e depoimentos relevantes sobre as formas de vida, memórias coletivas e apropriações do lugar. Conforme mencionamos, a imagem é uma forma de linguagem visual, um dispositivo de pensamento que permite a compreensão de uma informação cultural relativa ao tempo e ao espaço. Para se compreender a imagem é preciso ter a sensibilidade para retratar objeto (LOIZOS, 2002; MARTINS, 2008; BARROS, 2022).

Por não termos pretendido publicá-las, algumas fotos foram feitas na cor *sépia*. Porém, a imagem que mais nos chamou a atenção foi a do Porto e da Doca do Ver-o-Peso, espaços tradicionais de intensa movimentação de barcos e pessoas que destoam dos espaços turísticos ordenados, limpos e vigiados comumente ofertados nos sites e hotéis. Ao mesmo tempo, para muitos pesquisadores e turistas, esses



espaços fazem parte do *city tour*, do intercâmbio cultural que nos coloca em conexão com a sociabilidade cotidiana, com os lugares de pertencimento e convivência.

As imagens abaixo (Figuras 1 a 4) mostram a visualidade panorâmica do Conjunto Arquitetônico e, incluindo as lojas de artesanato do Mercado Ver-o-Peso, o desenho urbano da Av. Portugal, as fachadas de lojas populares de venda de bens básicos, cordas e equipamentos para pesca, além de lojas de venda de farinhas de mandioca e tapioca típicas da região. Também mostram os casarões coloniais da rua Marquês de Pombal, bairro histórico da Cidade Velha, e o panóptico

arquitetônico do período colonial português que tem como pano de fundo as construções arquitetônicas modernas vistas do Forte do Presépio, em meio aos canhões apontados para a Baía do Guajará.

Figura 1 – Mercado do Ver-o-Peso - Fonte: Foto do autor, 2010.



Figura 2 – Tradição e modernidade urbana - Fonte: Foto do autor, 2010



Figura 3 - Casarões coloniais da rua Marquês de Pombal, na Cidade Velha.
Fonte: Foto do autor, 2010



Figura 4 – O panóptico de Belém do Pará - Fonte: Foto do autor, 2010



As imagens abaixo (Figuras 5 a 8) estão em sépia e as demais finalizam o ensaio em cores (Figuras 9 e 10). Estas imagens enfocam a sociabilidade cotidiana na Doca do



Ver-o-Peso em torno dos praticantes dos espaços. Na perspectiva de Certeau (1994), o espaço é um lugar praticado na medida em que os sujeitos o transformam a partir das suas ocupações, apropriações e vivências. As imagens buscam retratar parte de um cotidiano e do modo de vida das pessoas entre momentos de descanso e de movimento dos pescadores e demais trabalhadores. Os lugares são revestidos de significados e a fotografia contribui para desvendar suas espacialidades sensíveis e os “elementos intangíveis, espontâneos, irrepetíveis e inscritos na informalidade do cotidiano da cidade” (FORTUNA, 2020, p. 218).

A ritmanálise como metodologia (LEFEBVRE, 2021) pode ser muito bem apropriada para compreender as socioespacializações do lugar. O cheiro de peixe nos arredores do Porto, o cheiro de comida sendo preparada dentro de algum barco ancorado no porto, de onde também se ouve os sons de falas e risos juvenis em cima de outra embarcação; os “fragmentos de um tempo lento”²⁸ das pessoas adultas em sua convivência ou de um senhor e sua solidão contemplativa da janela de um barco chamado “Mimo Gouvêa”. O tempo lento serve à rotina dos jogadores de cartas servidos de alguma bebida alcóolica, ou daqueles que estão a tratar peixes mirados pelas aves Urubus rondando o local. Contrapõe-se a essa lentidão os ruídos de automóveis, motores das embarcações de carga e descarga, dos equipamentos de trabalho dispostos na Doca e a força humana de carregar nas costas sacas de grãos. É preciso fotografar com os cinco sentidos para capturar a efemeridade do tempo em passos lentos.

²⁸ Referência ao premiado ensaio fotográfico: Vida cotidiana e fragmentos de um tempo lento, de curadoria do prof. Dr. William Soto (UFPEL), sociólogo e exímio fotógrafo da vida cotidiana, que recebeu o 1º lugar na mostra de Ensaio fotográfico do 19º Congresso Brasileiro de Sociologia. Parte do ensaio disponível no site: <<http://museuhistoricobpp.com.br/index.php/espaco-de-arte-mello-da-costa/>>

Figura 5 – Representações do tempo lento - Fonte: Foto do autor, 2010



Figura 6 – Representações do tempo lento - Fonte: Foto do autor, 2010





Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

Figura 7 – Representações do tempo lento - Fonte: Foto do autor, 2010



Figura 8 – O trabalho na região das Docas - Fonte: Foto do autor, 2010



Figura 9 – Embarcações e a paisagem colonial portuguesa - Fonte: Foto do autor, 2010



Figura 10 – Jogo de cartas na região do Porto do Ver-o-Peso - Fonte: Foto do autor, 2010





Com estas fotografias, buscamos demonstrar aspectos do cotidiano urbano de uma metrópole de pouco mais de 400 anos e com uma população estimada em 1.506.420 habitantes (IBGE, 2021). Dado a história e o patrimônio cultural da cidade, o que essas imagens nos mostram? Como argumenta José Machado Pais, o objeto da sociologia do cotidiano “não corresponde a um conceito isomorfo de vida quotidiana, mas a um objeto fragmentado e híbrido, escrever sobre vida quotidiana só pode resultar numa mostragem-mosaico cuja forma expositiva metacomunica com a complexidade do que se pretende representar” (PAIS, 2007, p. 14). Ao olharmos para o cotidiano, podemos nos deparar com situações de surpresa e estranheza com o que nos rodeia, próprias dos enigmas da vida social, para então podermos problematizar. Neste caso, surpreende-nos a força da tradição dos costumes e modos de vida ribeirinhos na metrópole. O *tempo lento* pressionado pela aceleração do “ritmo da vida” e da mudança cultural da modernidade (ROSA, 2019), se faz sentir nas expressões faciais, gestos e pausas.

Imagens urbanas e cotidiano em Santiago do Chile

A cidade de Santiago possui cerca de 6.257.516 habitantes em 2017, segundo o Instituto Nacional de Estadísticas (INE). Visitamos a capital chilena durante nossa participação no XXIX Congresso Latino-Americano de Sociologia (ALAS), entre 29 de setembro e 4 de outubro de 2013. Na ocasião, nos instalamos em um hostel localizado na comuna de Recoleta, umas das 32 comunas que compõem a Região Metropolitana de Santiago²⁹. A trajetória entre a Recoleta e a área Central de Santiago pôde ser feita caminhando por entre as avenidas movimentadas sob os sons das buzinas dos automóveis, ruas calmas e parques arborizados. Na caminhada de um local a outro, Santiago revela-se nas enunciações dos pedestres que, como

²⁹ Disponível no site: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_\(Chile\)#Subdivis%C3%B5es](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_(Chile)#Subdivis%C3%B5es)> conforme as fontes oficiais referenciadas e checadas. Acesso em 05 dez. 2022.



diria Certeau (1994, p. 176), “os jogos dos passos moldam os espaços. Tecem os lugares”.

Fizemos o mesmo percurso realizado em 4 dos 7 dias de congresso, o que nos convidou à observação dos trajetos das pessoas em horário de folga do trabalho ou desfrutando o tempo livre no Parque Florestal. Foi feito um ensaio fotográfico sobre a paisagem urbana e os usos do parque, buscando capturar os instantes das sociabilidades e as apropriações do lugar, ao mesmo tempo em que fotografávamos a estética visual da cidade com suas largas avenidas, alguns arranha-céus e a Cordilheira dos Andes degelando na estação da Primavera.

As imagens a seguir (Figuras 11 a 15) buscam o panóptico, a visualidade da paisagem urbana e suas concepções políticas, socioculturais e naturais. A paisagem urbana vista do Mirador do Cerro Santa Lucía, um parque íngreme construído ao redor de um monte acidentado de rocha vulcânica no Centro de Santiago, fornece-nos um registro de informações visuais sobre o desenvolvimento urbano e a sua relação com as Cordilheiras dos Andes. Ao mesmo tempo, esta paisagem se constitui das práticas espaciais e outras urbanidades que podem ser apreendidas nas inscrições urbanas, como o *graffiti* de intervenções juvenis do Partido Comunista, contrastando em cores com o urbano cinzento, e no piche de contestação à Michelle Bachelet, candidata do Partido Socialista que disputava o seu segundo mandato como Presidenta do Chile, tendo êxito e início em 2014. Por fim, as práticas de consumo e inscrições identitárias, como as imagens relacionadas ao plantio e a situação jurídica do uso e plantio de *cannabis* no país, até então sob política proibicionista, cenário que começou a mudar em 2014 com regulação do uso medicinal privado; e um evento de exposição de *cannabis* e seus artefatos e derivados de consumo³⁰.

³⁰ Disponível no site: <<https://kayamind.com/status-da-legalizacao-da-maconha-no-chile/>> artigo de Lara Santos “Status da legalização da maconha no Chile”. Acesso em 05 dez. 2020.

Figura 11 – O panóptico de Santiago do Chile - Fonte: Foto do autor, 2013.





Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

Figura 12 – Paisagem urbana e inscrições comunistas - Fonte: Foto do autor, 2013.





Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

Figura 13 – O protesto sob a ótica machista - Fonte: Foto do autor, 2013



Figura 14 – Incrições urbanas no Mercado Central de Santiago - Fonte: Foto do autor, 2013.





Figura 15 – Cartaz da 2ª Expoweed em Santiago do Chile - Fonte: Foto do autor, 2013.



Como referido acima, repetimos os percursos durante alguns dias de congresso, mas também para poder visitar os espaços turísticos nas proximidades do hostel como o Mercado Central, o Cerro Santa Lucía e o Parque Florestal, localizados no Centro da cidade que passou por importantes ações de intervenção com o Plano de Repovoamento, em 1985. Este plano se caracterizou como um processo de



renovação urbana dos bairros tradicionais que se tornaram espaços de consumo cultural e empreendimentos imobiliários de alto padrão. Conforme Madrid (2009),

Sin embargo, no es sino en los primeros años del siglo XXI que se comienza a visibilizar el impacto a nivel de cultura urbana que genera la presencia de nuevos habitantes en el aletargado centro histórico santiaguino. Es así como el centro histórico empieza a adquirir centralidad en el debate urbano, en gran parte, debido a la re-ocupación del barrio Lastarria y Bellas Artes, como epicentro de la movida design, gay, cultural y bohemia de la ciudad (MADRID, 2009, p. 1-2).

A efervescência da nova cultura urbana do centro santiaguino, considerado antes um lugar sonolento, espacializa-se como um marco de distinção identitária forjada na ocupação dos lugares impregnados de novidade e autenticidade. Além disso, é lugar das práticas sociais, de enunciação dos estilos de vida artísticos, literários e boêmio, das minorias sexuais e produtores culturais que desenvolvem estilos de vida criativos, eco sustentáveis, ligados a consumos diferenciados em espaços com maior qualidade de vida. Não à toa, estes sujeitos assumem um papel preponderante nos processos de revitalização dos bairros históricos e centrais (MADRID, 2009).

No entanto, nosso foco é não se fixar nas práticas de consumo cultural e na estetização da vida cotidiana, mas em um cotidiano supostamente ordinário, em que as pessoas estão ocupando o espaço, ocupando-se no tempo. Como referimos antes, buscamos os fragmentos do tempo lento que se confronta com a cotidianidade dos ruídos (dos motores, das sonoridades urbanas de áreas comerciais e aceleração dos passos que contraí cada vez mais o tempo presente) (PAIS, 2007; ROSA, 2019). As figuras de 16 a 20 são aqui apresentadas para representar essa inversão da lógica acelerada do tempo.

Entre os dias de caminhadas e observações, começamos pelas ruas do centro administrativo onde havia uma manifestação por justiça social. A frase "Caminhamos por uma sociedade mais justa" está sobre o ritmo dos passos



acelerados, objetivos, sob o tempo da necessidade de reconhecimento das lutas sociais. Este movimento se realiza na visualidade de faixas e adereços que se misturam às palavras de ordem. À medida que saíamos dos espaços mais movimentados, encontrava-se com frequência os trabalhadores do comércio, shoppings ou funcionários públicos caminhando com marmitex na mão, a passos lentos em direção ao Parque Florestal, onde abriam um pano e sentavam-se para almoçar ou lanchar.

Mas, tivemos a oportunidade de fotografar as passagens de pedestres ou ciclistas, bem como as pessoas apropriando-se do parque em diversos dias e horários, nos diversos locais, onde se observa a prática de leitura, do cochilo, do descanso e descontração na grama; o som do violão, o latir dos cães que habitam o parque, o cheiro de *cannabis*, o pisar da criança à grama, o encontro dos corpos, o amor. Mas, não deixamos de reconhecer que essas formas de sociabilidade ocorrem em meio a um espaço vigiado, limpo e ordenado, típico das “imagens cenográficas de lugar” dos espaços patrimoniais e sua multiplicidade de arranjos e valores (ARANTES, 2000).

Figura 16 – Manifestação no Centro de Santiago - Fonte: Foto do autor, 2013.



Figura 17 – Parque Florestal como espaço de passagem - Fonte: Foto do autor, 2013.

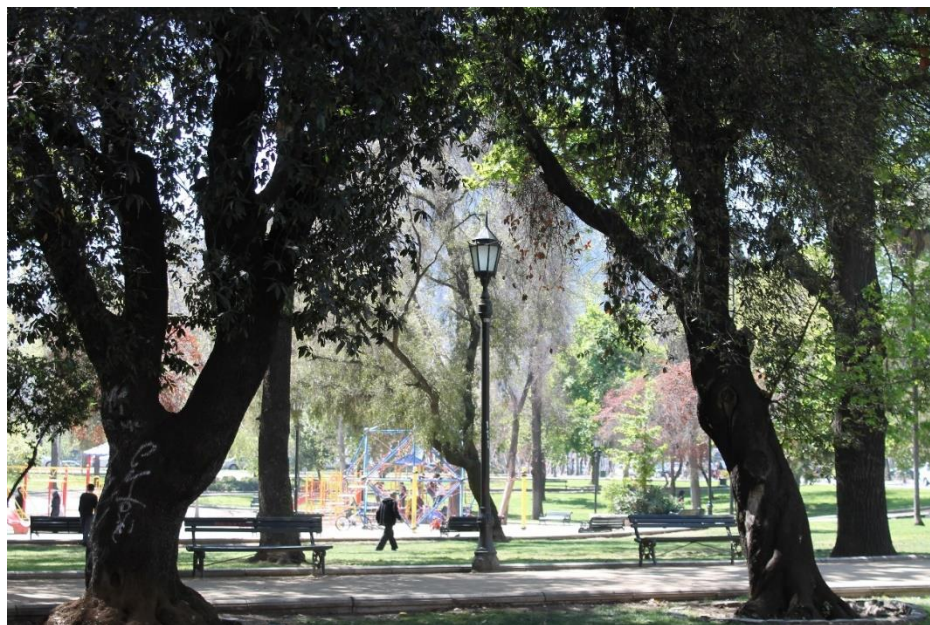


Figura 18 – Sociabilidades cotidianas no Parque Florestal - Fonte: Foto do autor, 2013.





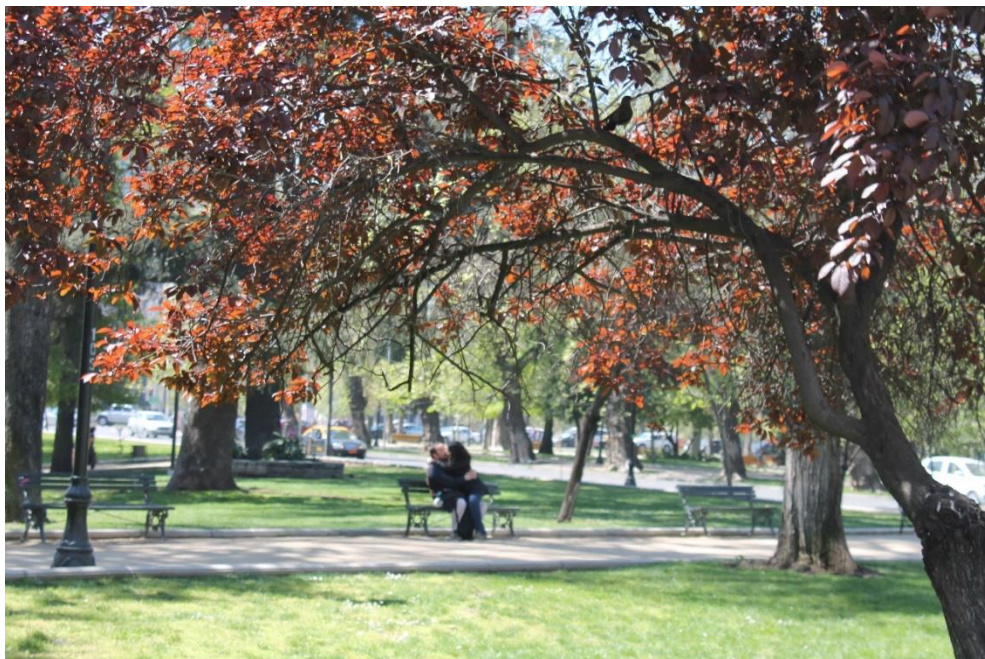
Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

Figura 19 – Entre leituras e descansos no Parque Florestal - Fonte: Foto do autor, 2013.



Figura 20 – O amor no parque - Fonte: Foto do autor, 2013.





Estas imagens fazem-nos perceber a cidade que se esconde e se mostra ao mesmo tempo, as espacialidades e as temporalidades “de um urbano que se move de acordo com geografias e ritmos insuspeitos até há pouco, que condiciona as práticas sociais que têm lugar nas cidades e que configuram aquela esperança de um entendimento interpretativo transversal e globalizante da cidade” (FORTUNA, 2020, p. 216), mas que nem sempre capta os estilos próprios e maneiras de estar e pensar.

É preciso lembrar que o sentimento de escassez de tempo e da fugacidade da vida social, decorre da aceleração e do ritmo da vida intensificada na modernidade e “contém tanto um *aumento da velocidade de ação* quanto uma *transformação da experiência do tempo* do cotidiano como causas estruturais” (ROSA, 2019, p. 159), como no caso do uso das tecnologias digitais de comunicação e compartilhamento de informação. Isso também nos faz entender o processo de mudança vinculado à linguagem visual que decorre de outra mudança importante, a da temporalidade de longa duração, do proveito do tempo e seus fragmentos de lentidão que apura outros sentidos que não apenas o do olhar (inclusive da imagem que defendemos enquanto proposta metodológica).

Considerações finais

Tomar o tempo lento como parâmetro para analisar a vida urbana é praticamente descrever uma anedota com presença de enredo, personagens, tempo e espaço numa sociedade acelerada. Os fragmentos dessa temporalidade lenta se escondem no entremeio de modelos de planejamento urbanos voltados à dinâmica social das rotinas que conformam parte do cotidiano urbano devido ao trabalho ou aos deslocamentos para os espaços de consumo. Essa forma de compreender a cidade e seus marcos espaço-temporais, é em geral pouco explorada nas pesquisas urbanas



preocupadas em confirmar as mudanças sociais sentidas na contemporaneidade veloz e de sociabilidades imediatas e fugazes. Ainda que uma temporalidade lenta seja possível nos espaços de velocidade das grandes cidades, ela só se revela nos instantes de deslocamento do olhar panóptico para as práticas cotidianas.

Em torno de construir um olhar sociológico da imagem, busca-se desvendar o que está sob o foco das lentes ou que está para além dele: os enigmas do cotidiano e da cultura urbana contemporânea. Isto é, desvendar a polissemia de sentidos da própria fotografia é fazer a memória recorrer aos fragmentos da lembrança, da experiência de ser pesquisador e estar vagueando para se encontrar nos lugares e estabelecer as conexões que permitam irmos além do simples registro ou de um esforço de interpretação das relações. O que se busca afirmar é que a cidade se captura em fotografia que expressem e evidenciem os processos interativos e subjetivos da imagem. Enquanto pesquisadores, por exemplo, somos também esses pedestres, motoristas, turistas, consumidores, trabalhadores que se reconhecem em torno de uma rotina veloz. Por isso, olhar para o lugar do outro, o tempo do outro e entender não apenas através da visão, mas com todos os sentidos, faz-nos autoconhecer a experiência de si enquanto compreende-se experiências outras.

Referências

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**: a modernização sem peias. Lisboa: Teorema, 2004.

ARANTES, Antonio Augusto. A guerra dos lugares. In: **Paisagens Paulistas**: transformações do espaço público. Campinas (SP): Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.

BARBOSA, Andréa e CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.



BARROS, Erna. **Uma cidade muda não muda: Mulheres, Graffitis e Espaços Urbanos** Hostis. Aracaju, SE: Criação Editora, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DE PAULA, Silas e MARQUES, Kadma. A imagem fotográfica como objeto da sociologia da arte. **Revista de Ciências Sociais**, v. 41, n. 1, 2010, p. 17-26.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa Qualitativa: Enfoques Epistemológicos e Metodológicos**. Petrópolis - RJ: Editora, Vozes, 2008.

EMERSON, Robert M.; FRETZ, Rachel I.; SHAW, Linda L.. Pursuing members meanings. In: **Writing Ethnographic Fieldnotes**, London: University of Chicago Press, 1995.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, São Paulo, Papirus, 1998.

FORTUNA, Carlos. **Cidades e Urbanidades**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estimativas da população residente no Brasil e Unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2021. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/estimativa_dou_2021.pdf> Acesso: 03 de novembro de 2022.

INE – Instituto Nacional de Estadísticas. **Chile, proyecciones de población al 30 de junio (1990-2020)**: Región Metropolitana de Santiago. Disponível em: <<https://research.csiro.au/gestionrapel/wp-content/uploads/sites/79/2016/11/CHILE-Proyecciones-y-Estimaciones-de-Poblaci%C3%B3n-por-Sexo-y-Edad.-1990-2020.pdf>> Acesso: 12 de novembro de 2022.

IPHAN. Largos, coretos e praças de Belém – PA. organizadora, Elizabeth Nelo Soares. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.



LEFEBVRE, Henri. **Elementos de Ritmanálise e Outros Ensaio Sobre Temporalidades**. Rio de Janeiro, Consequência, 2021.

LEITE, Rogerio Proença. Image Making: notas sobre a estética visual nas cidades contemporâneas. In: _____. (org). **Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade**. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

LOIZOS, Peter. Vídeo, Filme e Fotografia como Documentos de Pesquisa. In: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

MADRID, Christian Matus. Renovación urbana y configuración de nuevos estilos de vida. Aprendiendo de la “experiencia lastarria” ó notas y reflexiones de campo desde un escenario liminal. **XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. Buenos Aires, 2009.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo, Contexto, 2008.

MITCHELL, William. **Picture Theory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

PAIS, José Machado. **Sociologia da Vida Quotidiana: Teorias, métodos e estudos de caso**. 3. ed. Lisboa: ICS, 2007.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.